

**Patrimônio Cultural e Novas Tecnologias:
o caso do Museu da Gente Sergipana ¹**

Marcelo Rangel Lima ²
Ezio Christian Déda de Araújo³

¹ Ponencia presentada al Primer Congreso Latinoamericano de Gestión Cultural, realizado en Santiago de Chile, entre los días 23 al 27 de abril de 2014.

² Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), pós-graduado em Gestão e Políticas Culturais pela Universidade de Girona (UG). Diretor de Programas e Projetos do Instituto Banese, Brasil. E-mail: marcrangel@hotmail.com.

³ Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Tiradentes (UNIT), pós-graduado em Desenho, Registro e Memória pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Tiradentes. Diretor Superintendente do Instituto Banese. E-mail: eziodeda@uol.com.br

Introdução:

O conceito de Patrimônio Cultural no Brasil foi definido por Decreto-lei de 1937 como “o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país cuja conservação seja de interesse público quer por sua vinculação a fatos memoráveis quer pelo seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”. Ao longo dos tempos, a esta noção foram sendo incorporadas outras formulações, como a da *Carta do México em Defesa do Patrimônio Cultural* (1972), fundamentada num coletivo “dos produtos artísticos, artesanais e técnicos, das expressões literárias, linguísticas e musicais, dos usos e costumes de todos os povos e grupos étnicos, do passado e do presente”.

Na capital do estado de Sergipe, no nordeste do Brasil, o Museu da Gente Sergipana (MGS) foi fundado pelo Instituto Banese, associação sem fins lucrativos criada e mantida pelo Banco do Estado de Sergipe e empresas a ele relacionadas, para promover o patrimônio cultural. Sua exposição permanente proporciona contato com manifestações, paisagens naturais e tipos humanos, juntamente com história, culinária, festividades, costumes e a expressão oral de Sergipe.

As reflexões de Teixeira Coelho em seu *Dicionário Crítico de Política Cultural* apontam que ambas as definições inicialmente expostas dão “margem para que se preserve somente as obras de arte ditas nobres e os monumentos vinculados à história oficial do país, quer dizer, à história dos vencedores e das classes dominantes” (1997: p. 286). Indica ainda tendências, nas ações de política cultural na área de patrimônio cultural, de inserção do conjunto de bens naturais (patrimônio ambiental) e abertura do conceito para manifestações da cultura popular, indicando que nesta última há o risco “de forçar o reconhecimento, como universais (nacionais), de obras com significado tópico” (idem: *ibidem*). Tais considerações se completam com uma avaliação sobre a função do patrimônio cultural na prática patrimonialista:

Para boa parcela dos profissionais do patrimônio, de orientação ideológica de direita e de esquerda, o grande papel do patrimônio cultural é o da manutenção, construção ou reconstrução da identidade (pessoal e coletiva) de modo sobretudo a proporcionar, ao indivíduo e ao grupo: a) um sentimento de segurança, uma raiz, diante das acelerações da vida cotidiana na atualidade; b) o combate contra o estranhamento das condições de existência, ao proporcionar a vinculação do indivíduo e do grupo a uma tradição, e, de modo particular, a resistência contra o totalitarismo, que faz da criação de massas desenraizadas o instrumento central de uma manipulação em favor da figura atratora do ditador apresentado como único ponto de referência e orientação. (COELHO, 1997: p. 287)

Na contemporaneidade, ressalta Coelho, a globalização, a aceleração e a mobilidade tem gerado uma *desterritorialização* e uma mudança no conceito da

identidade como algo a ser apenas preservado ou restaurado, dando lugar à ideia de identificação-invenção (COELHO, idem). Enfatiza o autor que a manutenção de um bem cultural se justifica caso contribua para uma produção cultural contínua e, neste sentido, que “a preservação de um bem deve ser feita de modo a permitir-lhe que contribua para alimentar o tecido social onde se localiza, como fez no passado” (idem: p. 288).

A proposta museal do MGS e sua ação cultural demonstram que o patrimônio cultural pode colaborar para dinamizar o contexto em que está inserido. Na exposição permanente, uma série de recursos tecnológicos são utilizados para proporcionar experiências sensoriais e interatividade. Sua programação é composta por atrações diversificadas, com folguedos e danças populares, mas também outras expressões artísticas e culturais produzidas na atualidade, em diferentes linguagens.

Museu de passado e presente

Localizado em prédio inaugurado em 1926 como Colégio Atheneu Pedro II, foi tombado como patrimônio estadual em 1985 e, após a transferência da unidade escolar para outro imóvel, sediou diferentes órgãos públicos. Com o passar dos anos, entrou em processo de profunda deterioração, até que em 2007, por iniciativa do ex-Governador de Sergipe, Marcelo Déda, o imóvel foi doado ao Banco do Estado (Banese) para ser transformado em centro cultural, sendo aberto ao público em novembro de 2011 como Museu da Gente Sergipana, com acesso gratuito. O projeto arquitetônico de restauro, concebido pela empresa Ágora Arquitetos Associados, recebeu o prêmio “O Melhor da Arquitetura”, da Revista Arquitetura e Construção (Editora Abril) em 2012.

A exposição permanente do MGS foi concebida a partir da escuta de pesquisadores, lideranças e gestores do poder público e da sociedade civil, que apontaram elementos e expressões proeminentes na formação da identidade cultural sergipana, numa instância denominada Fórum da Sergipanidade, ocorrido nos dias 26 e 27 de agosto de 2010. O resultado desta consulta pública foi utilizado pelo curador Marcello Dantas na concepção do projeto museológico, com apoio de uma equipe de consultores liderados pela historiadora Josevanda Franco.

Até março de 2014, o MGS recebeu mais de 200 mil visitantes, a maior parte deles sergipanos oriundos da maioria absoluta dos municípios do estado, com destaque para mais de 50 mil estudantes de escolas públicas e privadas, cerca de 25% do público total. Em 2013, foi agraciado, na categoria Responsabilidade Social, com o Prêmio Rodrigo de Melo Franco de Andrade, concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para ações significativas de preservação e promoção do patrimônio cultural brasileiro.

Seu desempenho materializa a relação benéfica entre cultura e turismo ao motivar o turismo interno e fortalecer a atratividade e a competitividade do estado, exercendo assim papel de agente de desenvolvimento, em sintonia com as possibilidades de atuação dos museus expressas na publicação “Museus e

Turismo: Estratégias de Cooperação”, do Instituto Brasileiro de Museus (2014). O MGS foi apontado como “Atração do Ano” pela edição 2013 do Guia 4 Rodas, publicação de referência no turismo brasileiro, e tem conquistado espaços destacados em mídia espontânea de circulação nacional. Trata-se hoje de um dos pontos turísticos mais visitados de Sergipe, que já recebeu pessoas vindas de todos os estados do Brasil e de 48 países de todo o mundo, numa média de 2.000 viajantes por mês.

Lúdica e inovação

As instalações permanentes do MGS foram concebidas para proporcionar contato com manifestações culturais, personalidades e biomas de Sergipe por meio de recursos de alta tecnologia, a exemplo das abaixo destacadas.



Figura 1: “Nossos Leitos”
(Arquivo Instituto Banese)

Em “Nossos Leitos” (Figura 1), os ecossistemas sergipanos, fauna e flora, são apresentados aos visitantes quando entram em barcos cenográficos que passam por túnel, no qual imagens em movimento são projetadas em 360°. “Nossas Roças” é um jogo eletrônico exibido em monitor de tela *touchscreen* 40 polegadas de cristal líquido (LCD) que faz o usuário utilizar a lógica dos processos de cultivo e criação da agricultura e da pecuária. Na mesa interativa “Nossos Pratos”, o público seleciona ingredientes usados em pratos da culinária sergipana; e quando estes são corretamente escolhidos, nela aparecem mais detalhes sobre as iguarias.

Recorrendo a mídias digitais, as instalações tentam provocar conexões do público com expressões culturais. Em “Seu Cordel” e “Seu Repente” (Figuras 2 e 3) permitem recriação de obras de cultura e sua midiatização, uma vez que os visitantes improvisam versos de *literatura de cordel*⁴ e *repente*⁵ a partir de estímulos verbais e audiovisuais, cujas gravações em vídeo podem ser publicadas no *YouTube*, a critério do visitante.

⁴ Gênero literário popular escrito em rimas sequenciadas, originado a partir de histórias reais ou fictícias, impresso em folhetos.

⁵ Combinação de poesia e música marcada pelo improviso a partir de um mote ou de desafios entre cantadores, também chamados de “repentistas”.



Figuras 2 e 3:
Cabines das
instalações “Seu
Cordel” e “Seu
Repente”,
respectivamente.
(Arquivo Instituto
Banese)

As mostras organizadas na sala principal de exposições temporárias e no espaço expositivo do foyer valorizam o patrimônio cultural, mas não exclusivamente o edificado, o histórico, ou tradições e costumes. Um exemplo é a homenagem a um personagem falecido em 2012⁶, a exposição “Zé Peixe, além das águas”, composta por xilogravuras e estudos de imagem, tridimensionais e pictóricos, expostos em conjunto com poesia erudita e popular (*literatura de cordel*). Outras propostas curatoriais valorizam o patrimônio oficialmente reconhecido com combinações entre memórias afetivas, aspectos históricos e conteúdo audiovisual, como em “O Carrossel do Tobias”, exposição organizada para apresentar peças restauradas de brinquedo tombado como Patrimônio do Estado, outrora montado anualmente na Praça da Catedral Metropolitana de Aracaju durante os festejos natalinos. Uma alusão a este mesmo carrossel está presente em uma das instalações permanentes, aquela em que imagens de praças em diferentes municípios sergipanos são projetadas quando o visitante movimentava manualmente um carrossel, denominada “Nossas Praças”.

Se na proposta museal do MGS o patrimônio cultural é apresentado com uso de linguagem e soluções *high tech*, congregando assim o tradicional e contemporâneo, sua ação cultural tenta suscitar um diálogo entre variadas expressões artísticas e culturais. Nas atividades desenvolvidas durante o “Natal da Gente Sergipana”, realizadas em dezembro de 2013, apresentou danças folclóricas (*Pastoril*⁷ e *Chegança*⁸), auto natalino produzido pela companhia teatral mais renomada do estado (Grupo Imbuça) e concerto da Orquestra Sinfônica de Sergipe, com participação de artistas de música popular contemporânea e tradicional (*forró*⁹). Neste mesmo evento, foi montada no estacionamento a “Feirinha da Gente”, espaço para comercialização de artesanato típico do interior sergipano e artigos de moda e design produzidos na capital.

Na perspectiva da política cultural proposta por Teixeira Coelho em *A Cultura e seu contrário*, a ação dos gestores culturais deve criar condições para que as pessoas “inventem fins capazes de permitir a ampliação da esfera de presença do

⁶ Exímio nadador que conduzia embarcações para entrarem no rio Sergipe alcançando-as em alto mar a nado e, do mesmo modo, voltava à terra firme quando as orientava em sua partida.

⁷ Manifestação folclórica profana em forma de espetáculo musical que integra o ciclo das festas natalinas.

⁸ Dança com contos e cantos que retratam a luta travada pelos cristãos para o batismo dos mouros (árabes) e vida de marinheiros dentro de um navio.

⁹ Generalização de vários ritmos musicais e dança típicos da região nordeste do Brasil praticada nas festas juninas e outros eventos.

ser, não que conduzam à estagnação desse ser” (2008: p.33). Deste modo, o fortalecimento de diversidades e identidades culturais deve valorizar não apenas uma identidade única, para que seja possível ir além da repetição, da manutenção do mesmo.

A ação cultural do MGS tenta dar visibilidade a uma variedade de expressões, e assim ser agente de uma mediação ativa entre obras e manifestações de cultura, os agentes culturais e o público em geral. Propõe-se uma dinâmica de aproximação entre tradição e contemporaneidade, culturas populares e eruditas, de modo a incentivar a identificação cultural, entendida como processo de construção e movimentação de camadas de significantes e significados que formam o conjunto de identidades de um território (COELHO, 1997).

Museu nas ruas

A gestão tem entre suas metas a redução da distância entre a população e diferentes formas de cultura, de modo a promover descobertas e reconhecimentos, nos próprios atores da vida cultural e no público. Neste sentido, uma atividade em especial é realizada para iniciar as programações comemorativas de datas ou períodos expressivos do calendário local: o “Museu da Gente em Cortejo”. Idealizada a partir do contato com o trabalho do museólogo Mario Chagas, que esteve no MGS para proferir palestra durante a Semana Nacional de Museus, tem como objetivo geral difundir o MGS junto às classes mais populares através da realização de cortejos, comuns em diversas celebrações religiosas e profanas em Sergipe e no Brasil. Como objetivos específicos, deseja-se dar visibilidade ao fazer cultural e aproximar a população do patrimônio cultural imaterial, bem como ampliar o relacionamento do MGS com aqueles que mantêm vivas as manifestações tradicionais no estado. Grupos formais e informais de diferentes municípios são convidados para desfilar em percurso que vai do Mercado Central, no centro histórico de Aracaju, até o museu. Percorrem ruas de intenso comércio popular, onde há grande circulação de pessoas da capital e do interior; e quando mestres e brincantes chegam ao museu, conhecem suas instalações de alta tecnologia com acompanhamento da equipe de ação educativa.

Tais cortejos convidam aqueles que trabalham ou circulam pelo centro da cidade para conhecer (ou reencontrar) tradições, para seguir o séquito que percorre as ruas de modo a visitar o MGS e assim explorarem o universo simbólico das culturas populares com ajuda da tecnologia. Tal e qual a experiência oferecida pela instalação “Nossos Trajes” (Figura 4), na qual o público mira-se num espelho que os mostra paramentados, e em movimento, com indumentárias do folclore sergipano.



Figura 4: “Nossos Trajes”

(Fonte: Arquivo Instituto Banese)

Dados quantitativos sobre a visitação do museu demonstram que após a intensificação das atividades de ação cultural, a partir de junho de 2013, houve crescimento na quantidade de visitantes de Sergipe (ver gráfico 1). Ainda que de forma intangível, nos contatos posteriores com participantes dos cortejos e de outras atividades percebe-se a constituição de laços afetivos e culturais dos brincantes com o museu. É perceptível também a ampliação da visibilidade destas expressões tradicionais na mídia local e sua maior valorização por parte da população, dada a crescente afluência de público nos eventos promovidos e as opiniões expressas em canais de comunicação interativa, conforme será exposto na seção seguinte.

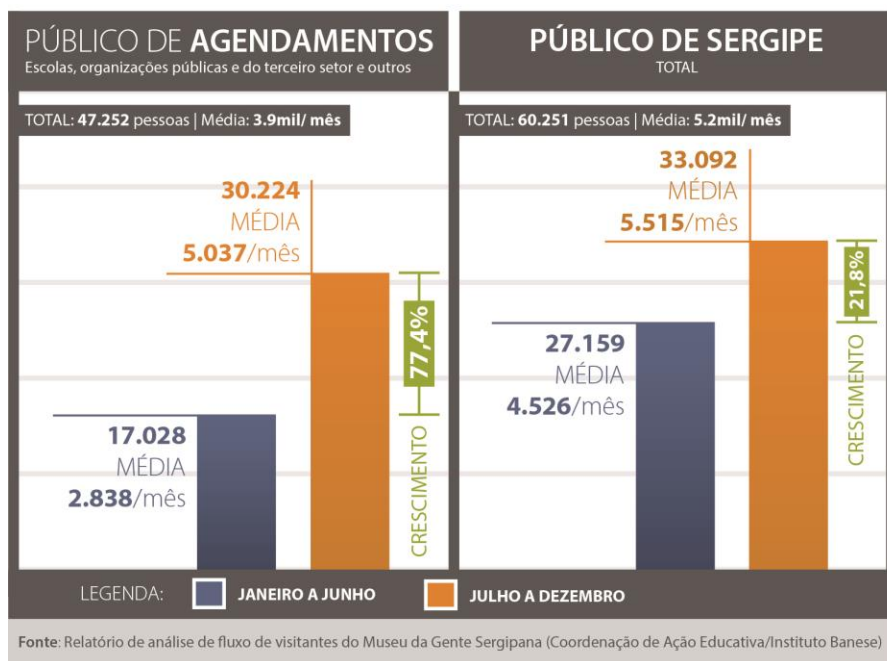


Gráfico 1: Visitação de sergipanos em 2014

Comunicação Cultural

Na perspectiva pós-moderna enunciada por Michel Maffesoli, os novos modos de comunicação e circulação de conteúdos em ambientes como o *Facebook* e o *YouTube* permitem o estabelecimento de vínculos, a troca de ideias e sentimentos, os encontros e o prazer lúdico, que criam uma experiência comum da criatividade (MAFFESOLI, 2010). Nesta lógica, entende-se que o uso destes canais na

disseminação das atividades do MGS contribui para gerar elos de aproximação e difundir manifestações e expressões culturais.

Para divulgar o museu e sua programação, utiliza-se um sítio na internet (www.museudagentesergipana.com.br) e uma página institucional no *Facebook*, além de estratégias usuais de comunicação nas organizações. Mas é na *fanpage* da rede social, com mais de onze mil “curtidas” (*likes*), que a interação do público se destaca.

Além de detalhes sobre as instalações e informações sobre eventos, em www.facebook.com/museudagentesergipana são publicadas, algumas vezes em tempo real, fotos e registros das atividades realizadas; em certas ocasiões com uso dos mesmos códigos e linguagem de pessoas comuns, a fim de estabelecer uma comunicação mais próxima com os usuários. Vídeos sobre as ações, originalmente publicados no canal do Instituto Banese no *YouTube* (www.youtube.com/InstitutoBanese), também são disseminados.

O conteúdo gerado pelo Núcleo de Comunicação (Nucom) tem contribuído para fortalecer vínculos individuais e coletivos com o museu, algo que pode ser observado na afetividade expressada em comentários sobre publicações e seu compartilhamento nas páginas pessoais dos assinantes da *fanpage* (“curtidores”). Alguns enviam sugestões e solicitam informações específicas e apoio na divulgação de seus projetos e atividades artístico-culturais, em mensagens individuais (*inbox*). Certos depoimentos sobre *posts* e relatos de visitas ao museu impressionam pela expressividade das emoções .

Considerações finais

Na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural da Unesco (2002), destaca-se o papel fundamental da pluralidade de identidades que compõem o patrimônio cultural, para que possam gerar intercâmbio, inovação e criatividade, com destaque para a interação harmoniosa e a convivência entre grupos e pessoas com identidades variadas e dinâmicas, bem como políticas culturais que beneficiem a inclusão e a participação. Estas diretrizes podem ser identificadas na atuação do Museu da Gente Sergipana, no sentido da promoção do patrimônio cultural em sua ampla diversidade de modo a expandir as capacidades criativas que alimentam o desenvolvimento, a coesão social e a vitalidade da sociedade civil.

A proposta do MGS não é preservar aspectos específicos da diversidade cultural, e sim promover a possibilidade de coexistência entre diferentes formas de cultura, pois o congelamento das tradições é o avesso do poder que tem a diversidade de gerar transformações sustentáveis através de seu manancial de criatividade, e desenvolver competências interculturais que permitam o entendimento da diferença e estimulem não a admiração diante do exótico, do diferente, mas sobretudo o incentivo às trocas, ao reconhecimento, à curiosidade e à vontade de entender o diverso, o outro (MACHADO, 2011).

Na gestão do MGS, o patrimônio cultural é tratado a partir de um ponto de vista da valorização da pluralidade de vozes que compõem sua totalidade. Costumes,

falares e expressões são expostas por meio de interatividade e artifícios tecnológicos na exposição permanente. Outras atividades, disseminadas em redes digitais, oferecem acesso a criações e manifestações que seguem reinventando identidades. Em conjunto, tentam compor um mosaico simbólico, um multiculturalismo que é fruto da coexistência entre diferentes culturas, derivadas de processos históricos e amalgamentos, e que não se vale de um dirigismo paternalista para apontar uma única ideologia, e assim acaba por reduzir a cultura a uma perspectiva histórica e política, mas exalta a convivência entre diferentes culturas (COELHO, 1997).

Ao fomentar e reforçar laços comunitários entre as culturas, busca-se construção de um multiculturalismo montado pela própria sociedade, e assim promover uma

nova sinergia entre cultura e sociedade, uma nova sinergia entre uma cultura que se renova mais fácil e rapidamente do que muitas outras estruturas da sociedade e que exatamente por isso pode servir de locomotiva para um real e efetivo outro mundo”. (COELHO, 2008: p.48).

As novas tecnologias norteiam o projeto museológico do MGS e, em sua ação cultural, utilizam o ingrediente identificado por Enrique Saravia no espaço virtual das tecnologias de informação, como “instrumento possível de cidadania, de conhecimento, de liberdade criadora e de novas formas de integração social” (SARAVIA, 2008: p:75). Em busca do enraizamento dinâmico e do reencantamento contemporâneo que Michel Maffesoli vislumbra nas novas tribos pós-modernas (MAFFESOLI, 2009), o Museu da Gente Sergipana tenta contribuir para que agentes de cultura atuem como disparadores de sentido, e não apenas reprodutores de significados e conhecimentos petrificados (COELHO, 2008). Memória e história são apresentadas em diálogo com arte e cultura mas, sobretudo, em sintonia com a atualidade e a vida cotidiana, ocupando espaços reais e digitais para que, numa licença poética, seja possível **dar antenas às raízes**.

Referências Bibliográficas:

COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de Política Cultural. São Paulo: Iluminuras, 1997.

_____, Teixeira. A Cultura e seu contrário. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2008.

Instituto Banese. Relatório anual da Administração 2013. Aracaju, 2014.

_____. Relatório anual de visitação 2013. Coordenação de Ação Educativa: Aracaju, 2014.

_____. Relatório parcial de visitação Março 2014. Coordenação de Ação Educativa: Aracaju, 2014.

_____. Relatório de Fluxo de Visitantes 2013. Coordenação de Ação Educativa: Aracaju, 2014.

MACHADO, Jurema. A diversidade cultural e o enfrentamento da desigualdade. In: José Márcio Barros e Giuliana Kauark (org.), “*Diversidade cultural e desigualdade de trocas – participação, comércio e comunicação*”. São Paulo: Itaú Cultural/Ed. PUCMinas, 2011.

MAFFESOLI, Michel. A República dos Bons Sentimentos. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2009.

_____, Michel. Saturação. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2010. Instituto Brasileiro De Museus (IBRAM). Museus e Turismo: Estratégias de Cooperação. IBRAM: Brasília/DF, 2014.

SARAVIA, Enrique. Uma Cultura para um mundo globalizado. In *Revista Observatório Cultural n. 5 (abr./jun)*. São Paulo: Observatório Itaú Cultural, 2008.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural. Unesco: Paris, 2002.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Repente>. Acesso em 20 de março de 2014.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura_de_cordel. Acesso em 20 de março de 2014.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Pastoril_profano. Acesso em 20 de março de 2014.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Itabaiana_%28Sergipe%29 (trecho sobre a Chegança). Acesso em 20 de março de 2014